

5. A Expedição Thayer e o uso da fotografia: usos e abusos em nome da ciência

Renata Reis

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar o uso da fotografia como fonte histórica no trabalho intitulado “A serviço da ciência: a fotografia como instrumento da pesquisa científica na Expedição Thayer (1865 – 1866)”⁹⁴, de Clarissa Franco de Miranda, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará.

O estudo de Miranda teve como propósito “[...] compreender a fotografia como um instrumento da pesquisa científica a partir da atuação de naturalistas vindos ao Brasil na Expedição Thayer.” (MIRANDA, 2017, p. 14). Tendo como questão principal as disputas teóricas sobre a origem da vida e suas tentativas de aprofundamento e comprovação, a autora busca compreender a produção, utilização e apropriação das imagens no contexto de realização das expedições científicas no século XIX, bem como o uso das técnicas fotográficas pelo método empirista.

A pesquisa documental compreendeu a literatura científica e de viagem no período estudado e os materiais produzidos na própria expedição, tais como: diários de viagem, correspondências, conferências proferidas pelo naturalista Agassiz em sua estadia no país, ilustrações e fotografias. No que diz respeito ao conjunto fotográfico, a autora analisou três coleções distintas, duas delas de acesso limitado que se encontram nos Estados Unidos.

O século XIX marcou o auge das expedições científicas ao Brasil. Com objetivos bem definidos, as pesquisas seguiam basicamente dois eixos de investigação principais: descrever detalhadamente natureza e populações de acordo com uma classificação de espécimes e fenômenos particulares e sua visão de conjunto (KURY, 2021).

Nessa perspectiva, a fotografia, já bem estabelecida na Europa desde o ano de 1840, por seu caráter de recriação da realidade, assume um papel fundamental nos estudos e pesquisas, passando a ser um instrumento de prova inalterável, ajustando-se como uma comprovação documental de hipóteses científicas. Essa idealização de objetividade e de verdade absoluta foi, posteriormente, colocada em questão através do princípio científico da “[...] necessidade de ultrapassar a visão aparente, fenomênica, com que os objetos se apresentam ao observador” (PETERSEN, 2014, p. 25).

Entre os principais estrangeiros que visitaram o Brasil estão Johann Spix, Carl Martius, Auguste de Saint-Hilaire, Charles Darwin e Louis Agassiz. Este último, suíço radicado nos Estados Unidos, empreendeu entre os anos de 1865 e 1866, a Expedição Thayer.

Para que possamos compreender como a autora utiliza as imagens como fonte de pesquisa histórica, selecionamos seis, das 36 fotografias que compõem a dissertação, destacando os principais aspectos e categorias de análise utilizadas, buscando um diálogo e um exercício de reflexão entre a autora do trabalho acadêmico e outros autores que discutem o uso da fotografia como fonte para a pesquisa social.

O artigo, organizado em três sessões, traz na primeira, aspectos que permitam situar o leitor sobre o naturalista Louis Agassiz, o que ele pensava e quais os propósitos científicos e políticos da Expedição sob sua liderança. Na segunda sessão, apresentamos os aspectos teórico-

⁹⁴ MIRANDA, C. F de. **A serviço da ciência: a fotografia como instrumento da pesquisa científica na Expedição Thayer (1865-1866)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

metodológicos do estudo e a forma como a autora trata a fotografia em seu trabalho. Na terceira sessão, a partir das imagens que selecionamos no trabalho de Miranda (2017), buscamos dialogar com uma proposta metodológica de análise crítica de fotografias que compõem determinada série ou coleção. Para isso, convidamos para esta conversa outros autores que, da mesma forma que Miranda (2017), analisaram fotografias de duas das três coleções fotográficas produzidas pela expedição Thayer.

1. Louis Agassiz e a Expedição Thayer no Brasil

Louis Agassiz foi um zoólogo suíço considerado um grande cientista nos meios acadêmicos, especialmente nos Estados Unidos, onde residia e trabalhava desde 1840. Adepto do criacionismo e do racismo científico, Agassiz era partidário da teoria da degeneração das raças, apoiando-se na ideia da poligenia, defendendo a existência de diferentes origens da espécie humana, pressupondo uma hierarquização das raças e uma incompatibilidade biológica.

No pensamento de Agassiz, a ordem hierárquica atendia a uma instância superior divina, expressando a intenção de impor certa ordem ao mundo (MACHADO, 2010). Para ele a raça branca era a “espécie” superior, criada por Deus como padrão de moralidade e beleza. Os negros pertenciam a uma espécie inferior cujas maiores virtudes estavam na força física e na capacidade de servir e obedecer. Desta forma condenava veementemente a mestiçagem entre raças e defendia que os negros deveriam ser enviados para terras tropicais, local determinado por Deus como mais adequado para eles, desde a criação do mundo.

As ideias de Agassiz situavam-se nos embates entre as várias correntes de pensamento e os debates científicos sobre a questão da concepção da terra e da vida, entre o mundo sagrado da interpretação divina e os questionamentos de uma ciência laica. Tendo como marco central a oposição à teoria da evolução de Darwin, Agassiz protagonizava uma “guerra científica e ideológica”, onde havia uma eminente mudança de paradigma científico, que pressupunha novos olhares sobre as concepções de tempo e de existência, a partir de uma contestação das teorias religiosas.

Contraditório, o naturalista era abolicionista convicto, mas suas ideias foram absorvidas nos EUA por escravocratas. Tanto assim que, em 1850 foi convidado por Robert Gibbes, intelectual sulista pertencente a uma das maiores famílias escravocratas do estado da Carolina do Sul, para visitar fazendas da região intencionando conhecer e documentar “raças puras” africanas, para depois compará-las (MACHADO, 2010).

Agassiz examinou e classificou etnicamente corpos de escravizados dessas fazendas e produziu uma primeira coleção fotográfica, encomendando a Joseph T. Zealy, fotógrafo com estúdio comercial na cidade de Columbia, quinze daguerreótipos de duas famílias escravizadas que foram fotografadas de corpo inteiro, despidos e em poses fixas - frente, costas e perfil - ou apenas de torso e semidespidos, como foi o caso de Renty Taylor, um dos escravizados fotografados.

Posteriormente, no Brasil, a experiência de Agassiz na Carolina do Sul serviu de base para a produção das coleções fotográficas da Expedição Thayer.

Conforme os debates avançavam no meio acadêmico estadunidense, considerando as hipóteses da teoria da evolução, o zoólogo suíço tornava-se cada vez mais reativo. Essa postura um tanto presunçosa fez com que Agassiz enfrentasse muitos problemas no âmbito da academia, perdendo muitos adeptos. As sucessivas crises fizeram com que o naturalista decidisse organizar a viagem ao Brasil para confirmar suas teorias criacionistas.

Assim, em 1865, a Expedição Thayer chegou às terras tropicais brasileiras tendo como objetivo elucidar o problema científico da origem das espécies. No entanto, como afirma Machado (2007),

Por trás do discurso público do cientista-viajante tecia-se um outro discurso que ligava Agassiz aos interesses norte-americanos na Amazônia, conectado a duas

linhas de ação diplomática e de grupos de interesses: uma primeira, à política da navegação fluvial e abertura do Amazonas à navegação internacional, e uma segunda, aos projetos de assentamento da população negra norte-americana, como colonos ou aprendizes, na várzea amazônica (MACHADO, 2007, p. 73).

A expedição foi financiada por um rico empresário da Nova Inglaterra, que possuía investimentos financeiros voltados para a construção de estradas de ferro e manufaturas, além de obteve apoio do governo norte-americano, que esperava usufruir da amizade do naturalista com o imperador brasileiro, Pedro II.

Agassiz trouxe consigo cartas secretas endereçadas a James Webb, representante dos interesses do governo dos EUA no Brasil, que buscava organizar um empreendimento para assentar negros norte-americanos em território amazônico.

Integravam a Expedição quinze pessoas no total. Miranda (2017) dá destaque ao naturalista suíço Louis Agassiz, sua esposa e auxiliar Elizabeth Cary Agassiz, o geólogo Charles Frederick Hartt, o ilustrador Jacques Burkhardt, e os aprendizes William James⁹⁵ e Walter Hunnewell, alunos de Agassiz. Este último, fotógrafo da expedição na região amazônica.

De acordo com Kury (2001), a esposa de Agassiz, Elizabeth, redigiu e narrou os acontecimentos da expedição, em uma espécie de diário de campo. Didaticamente, explicou as teorias do marido e transcreveu correspondências e relatos de conferências que o naturalista ministrou em duas ocasiões, no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. A este relato, Agassiz acrescentou notas e apêndices para descrever suas teorias, aplicados aos espécimes e fenômenos observados no Brasil.

O relato de Elizabeth foi publicado sob o título de “Viagem ao Brasil 1865-1866”. Outro material elaborado durante a expedição e posteriormente publicado foi o diário pessoal de William James, igualmente uma preciosa fonte documental sobre a expedição, especialmente porque o jovem estudante optou por abandonar a viagem por discordar dos métodos nada ortodoxos de Agassiz na produção da ciência.

2. Análise das relações entre fotografia e ciência: fontes documentais e questões metodológicas presentes na pesquisa

Para analisar e compreender o uso da fotografia na Expedição Thayer, a autora reuniu um conjunto de fontes bibliográficas, documentais e iconográficas que incluiu duas obras clássicas de Charles Darwin, “A origem das espécies e A origem do Homem”, e dois trabalhos de Charles Hartt, “Geologia e Geografia Física do Brasil” e “Viagem ao Brasil 1865-1866”. Hartt foi um dos membros da Expedição Thayer. Formado em geologia, retornou ao país por conta própria em 1870 e refutou as teorias criacionistas de Agassiz.

Miranda (2017) utilizou ainda materiais produzidos pela expedição: o diário de viagem desenvolvido na Expedição Thayer, escrito por Elizabeth Cary Agassiz, com considerações técnicas do Prof. Louis Agassiz, documento base para a pesquisa; o diário pessoal de William James; a coletânea de palestras proferidas pelo Professor Agassiz no Colégio Pedro II, em 1866; a correspondência do casal Louis e Elizabeth Agassiz; as ilustrações de Jacques Burkhardt, e, principalmente, as coleções fotográficas produzidas e utilizadas pela comissão.

O conjunto fotográfico trabalhado pela dissertação de Miranda (2017) conta com três coleções fotográficas distintas, uma encontra-se no Brasil, digitalizada e de fácil acesso e as outras duas nos Estados Unidos, digitalizadas e de acesso limitado.

A primeira coleção apresenta 36 imagens paisagísticas da natureza do Rio de Janeiro e seus arredores produzidas por George Leuzinger que atualmente encontram-se sob a guarda da Biblioteca Nacional, pertencente à coleção Theresa Christina Maria e disponíveis no endereço eletrônico da Biblioteca. As vistas de George Leuzinger foram adquiridas por Agassiz

⁹⁵ Filósofo e psicólogo norte-americano. Um dos criadores da escola filosófica conhecida como “pragmatismo” e um dos pioneiros da “Psicologia Funcional”.

e constituíram boa parte das ilustrações e do material coletado sobre o Brasil. A mesma coleção serviu às pesquisas de Charles Hartt, no intuito de enriquecer os estudos sobre a geologia, fauna e flora brasileira.

A segunda coleção compreende 58 fotografias de tipos humanos negros de “puro sangue”, encomendadas por Louis Agassiz ao fotógrafo profissional Augusto Stahl, no Rio de Janeiro.

A terceira coleção contém 234 fotografias de índios, negros e mestiços produzidas em Manaus por Walter Hunnewell, fotógrafo e assistente da expedição.

Tais coleções estão sob a guarda do *Peabody Museum of Archaeology & Ethnology* na Universidade de Harvard. Cerca de 100 fotos (25 da coleção de Stahl e 75 da coleção de Hunnewell) estão disponíveis para consulta virtual. O acesso às outras 191 imagens é restrito. As fotografias de tipos humanos referidas acima têm o caráter antropométrico e frenológico, as imagens indisponíveis constituem-se geralmente de corpos nus abrangendo homens, mulheres e crianças.

Dialogando com autores de diversas abordagens teóricas no campo da história, antropologia, sociologia e filosofia (MUNANGA, 2003; HOBBSAWN, 2015; BURKE, 2004; CHALHOUB, 1990; KHUN, 2009; ARENDT, 2014; BENJAMIN, 1987; FOULCAULT, 2007; SONTAG, 2004; KNAUSS, 2006; MAUAD, 1990; KOSSOY, 2002; DUBOIS, 2012; THIELLEN, 1991, entre outros), Miranda (2017) analisa suas fontes buscando compreender a utilização da fotografia na Expedição Thayer como um instrumento de dominação no contexto de realização das expedições científicas no Brasil do século XIX. Para isso, busca um olhar sobre as fotografias que ultrapassa seu caráter ilustrativo ou estético, analisando o contexto de sua produção, sua utilização e apropriação.

Nesta perspectiva, o trabalho de Miranda, ao tratar as fotografias no contexto de sua produção, apropriação, utilização, converge com a concepção da fotografia como mediação (CIAVATTA, 2004). Implica interpretá-la considerando as relações econômicas, sociais, políticas, estéticas, presentes no tempo-espço de sua produção social. Subjacente a esta interpretação está o conceito de essência e aparência (KOSIK, 1976; CIAVATTA, 2004). A fotografia é a aparência ou a representação do objeto real, cuja essência é a totalidade das mediações ou processos sociais complexos que o constituem.

Reis (2018) considera que para isso se faz necessário articular os discursos com a posição de quem os utiliza. Os discursos produzem estratégias e práticas que possibilitam que se imponha uma autoridade e legitime-se um projeto, situado em um campo de disputa de poder.

Outra questão relevante para compreender a dissertação de Miranda (2017) diz respeito ao fato de que as fotografias analisadas em seu trabalho não podem ser analisadas separadamente, pois constitui um conjunto organizado em uma série ou coleção, o que por si só, já pressupõe a desconstrução do aspecto artístico da imagem, atribuindo uma ideia de autoridade e de prova ao documento imagético (REIS, 2018).

3. As coleções de “tipos” humanos da Expedição Tayer: “raças mistas” e “raças puras”

Para analisar as coleções fotográficas produzidas pela Expedição Tayer vamos estabelecer um diálogo com a proposta de Ana Maria Mauad (2004), que examina fotografias que pertencem a um determinado conjunto, organizadas em uma coleção ou série.

Mauad (2004) considera que a noção de série ou coleção é um dos pressupostos para uma análise histórico-crítica da fotografia. Nesta perspectiva, a imagem assume um caráter polifônico, resultante de seu circuito social de produção, consumo e circulação. A este pressuposto se somam o princípio da intertextualidade - que envolve o conhecimento de outras fontes, textos ou informações que acompanham ou complementam a imagem e o trabalho transdisciplinar, promovendo um diálogo com elementos da cultura material que a produz - e o desenvolvimento de novos questionamentos e procedimentos em coordenação com outros saberes.

Este procedimento requer alguns desdobramentos teórico-metodológicos que envolvem: a produção da imagem, enquanto um dispositivo que vai mediar a relação entre o

olhar e a elaboração através da manipulação da câmera fotográfica; a recepção da imagem, que é a atribuição de valor de quem a produz para quem a recebe e as representações que são formuladas a partir deste olhar; e, por último, a questão do produto que trata da imagem como resultado de um processo de produção de sentido, como relação social que é resultante de uma relação entre sujeitos, estabelecendo um diálogo de sentidos com outras referências culturais.

Fotografia 5.1 – “Retrato de tipo racial, homem não identificado”



Fotografia 5.2 – “Apollo von Belvedere”.
Carte de visite



Fonte: HUNNEWELL, W. *Série Raças Mistas*. 1885-1886. Coleção de Louis Agassiz, (apud MIRANDA, 2017, p. 100).

Fonte: HUNNEWELL, W. *Série Raças Puras*. Coleção de Louis Agassiz, (apud MIRANDA, 2017, p. 100).

As fotografias 5.1 e 5.2 pertencem à terceira coleção de imagens produzidas na região amazônica durante a Expedição Thayer pelo fotógrafo Walter Hunnewell. Composta por 234 fotografias de indígenas, negros e mestiços, a coleção tinha como objetivo propor um quadro comparativo entre as diferentes raças, na tentativa de reafirmar as concepções teóricas, políticas e ideológicas de Louis Agassiz, que acreditava que a mistura de raças poderia levar a uma degeneração da raça branca.

Agassiz intencionava utilizar este conjunto de imagens as quais chamou de “raças mistas” como material científico para ilustrar as diferentes raças ou, como acreditava o naturalista, espécies humanas.

Na fotografia 5.1, o jovem retratado está sentado com as mãos apoiadas sob as pernas. Essa posição atendia aos critérios básicos da fotografia antropométrica, cuja análise das mãos é um elemento relevante.

Miranda (2017) dispõe lado a lado as fotografias 5.1 e 5.2 de maneira proposital, com o intuito de demonstrar um dos métodos de Agassiz para a análise dos tipos raciais. Em sua coleção de retratos de miscigenação raças, o naturalista inseriu três imagens de estátuas clássicas, duas de Apolo de Belvedere, uma das quais é a fotografia 5. 2, e uma da deusa Vênus com os seios aparentes. As imagens das esculturas, que fazem alusão a pessoas brancas, eram tomadas como padrão de beleza e modelo de perfeição.

De acordo com Miranda (2017), baseado em modelos ancorados na classificação proposta por Carlos Lineu⁹⁶, Agassiz aplica o método da classificação e comparação de espécies presente nas ciências naturais e caracteriza os diversos tipos humanos, segundo sua ótica: o americano, o europeu, o asiático e o negro. No entanto, a autora chama a nossa atenção para o fato de que não há fotografias de pessoas brancas na coleção. O tipo racial branco, considerado pelo naturalista como “[...] claro, belo e governado por leis [...]” (MIRANDA, 2017, p. 99) não é submetido à análise antropométrica, por ser considerado o tipo ideal, inquestionável.

A autora cita a classificação utilizada por Agassiz, que atribuía conclusões psicológicas e comportamentais dos indivíduos, de acordo com a mistura de raças: mulato, mistura de branco com preto, traços elegantes e a cor clara; é cheio de confiança em si, porém indolente; cafuzo, mistura de índio com negro, cor carregada, cabelos longos, finos e anelados, e o caráter combina o humor afável do negro e a enérgica rusticidade do índio; e o mameluco, mistura do branco com o indígena, pálido efeminado, fraco, preguiçoso, embora obstinado.

Esta classificação se fez presente por muitos anos nos livros didáticos utilizados no antigo ensino primário, o que seria hoje correspondente ao Ensino Fundamental I.

John Monteiro (2010) realizou uma interessante análise sobre a coleção. Sob um olhar antropológico, o autor reconstrói as circunstâncias de produção das imagens, a recepção e a produção de sentidos que compõem.

Fazendo um diálogo entre Miranda, Monteiro e Mauad, para que possamos compreender o contexto de produção desta coleção, penso que podemos iniciar nossa análise pelo fotógrafo. Walter Hunnewell foi um jovem aluno de Agassiz. Nascido em Boston, em 1844, era de uma família da elite estadunidense. Seu pai, Horatio Hollis Hunnewell, empresário do setor financeiro e investidor na construção de ferrovias era amigo de Nathaniel Thayer, o mecenas da expedição (MONTEIRO, 2010).

Hunnewell não era fotógrafo profissional e nem tinha qualquer relação com o ofício. Seu ingresso na expedição se deu, inicialmente, para colaborar na coleta de material da fauna ictiológica dos rios da região amazônica. Aprendeu a fotografar durante a expedição, quando esta passou pelo Rio de Janeiro, alguns meses antes de chegar à região Norte. O retratista amador foi treinado por Augusto Stahl, fotógrafo profissional já bem estabelecido na cidade e sócio da casa fotográfica *Stahl & Wahnschaffe*. Stahl foi contratado por Agassiz para produzir uma série de fotografias de pessoas de diferentes tipos étnicos do continente africano. Sobre esta coleção falaremos um pouco mais adiante, nesta sessão.

As fotografias produzidas por Hunnewell revelam sua inexperiência. Não há um padrão ou método estabelecido para a produção das imagens, que podiam ser de pessoas sentadas ou de pé, totalmente nuas, vestidas ou semidespidas. Não houve uma preocupação com os elementos de fundo, como por exemplo, estabelecer um cenário neutro, mais cuidado.

De acordo com Monteiro (2010), ao chegar à região norte do Brasil, a expedição teve problemas de suprimentos e ficou parada mais de um mês sem poder realizar a coleta de peixes. O naturalista resolveu enquanto aguardava a chegada dos insumos, seguir com seus estudos sobre miscigenação e montou, em novembro de 1865, uma espécie de estúdio fotográfico improvisado em um dos aposentos onde estavam hospedados, um edifício que tinha sido uma repartição pública. Nas fotografias que compõem a coleção fica evidente o estado de má conservação do prédio, com paredes descascadas e úmidas.

Por outro lado, as fotografias desta coleção põem em xeque o caráter de cientificidade da produção destas imagens, como veremos a seguir.

⁹⁶ Botânico, zoólogo, taxonomista e médico sueco que formalizou a nomenclatura binomial, o sistema moderno de nomear organismos.

Fotografia 5.3 - “Retrato somatológico, mulher não identificada”



Fonte: HUNNEWELL, W. *Série Raças Mistas*. Coleção Fotográfica de Louis Agassiz. 1865-1866, (apud MIRANDA, 2017, p. 130).

Fotografia 5.4 - “Retrato somatológico, mulher não identificada”



Fonte: HUNNEWELL, W. *Série Raças Mistas*. Coleção Fotográfica de Louis Agassiz. 1865-1866, (apud MIRANDA, 2017, p. 130).

Segundo Miranda (2017), as fotografias 5.3 e 5.4 apresentam uma jovem da região amazônica totalmente despida. Para a autora, as poses poderiam ser determinadas, supostamente pelo homem flagrado na foto 5. 3. Não se tem elementos que informem quem é a moça retratada e como foi obtido seu consentimento para posar sem suas vestimentas. Sabe-se que as fotografias tinham como objetivo a análise e classificação antropométrica.

A questão principal que se coloca sobre o contexto de produção desta coleção diz respeito, especialmente, aos retratos femininos. Um dos integrantes da expedição William James, também aluno de Agassiz e colega de estudos do fotógrafo Hunnewell, escreveu um diário sobre a expedição amazônica publicado no Brasil sob o título “*O Brasil sob o olhar de William James*”. Em seu relato, James deixa explícito seu desconforto com a produção destas imagens e questiona o caráter científico, insinuando um forte componente erótico.

O testemunho do jovem estudante supõe que as mulheres fotografadas pertenciam a famílias da sociedade amazonense, que concordaram em posar para as fotografias em nome da ciência.

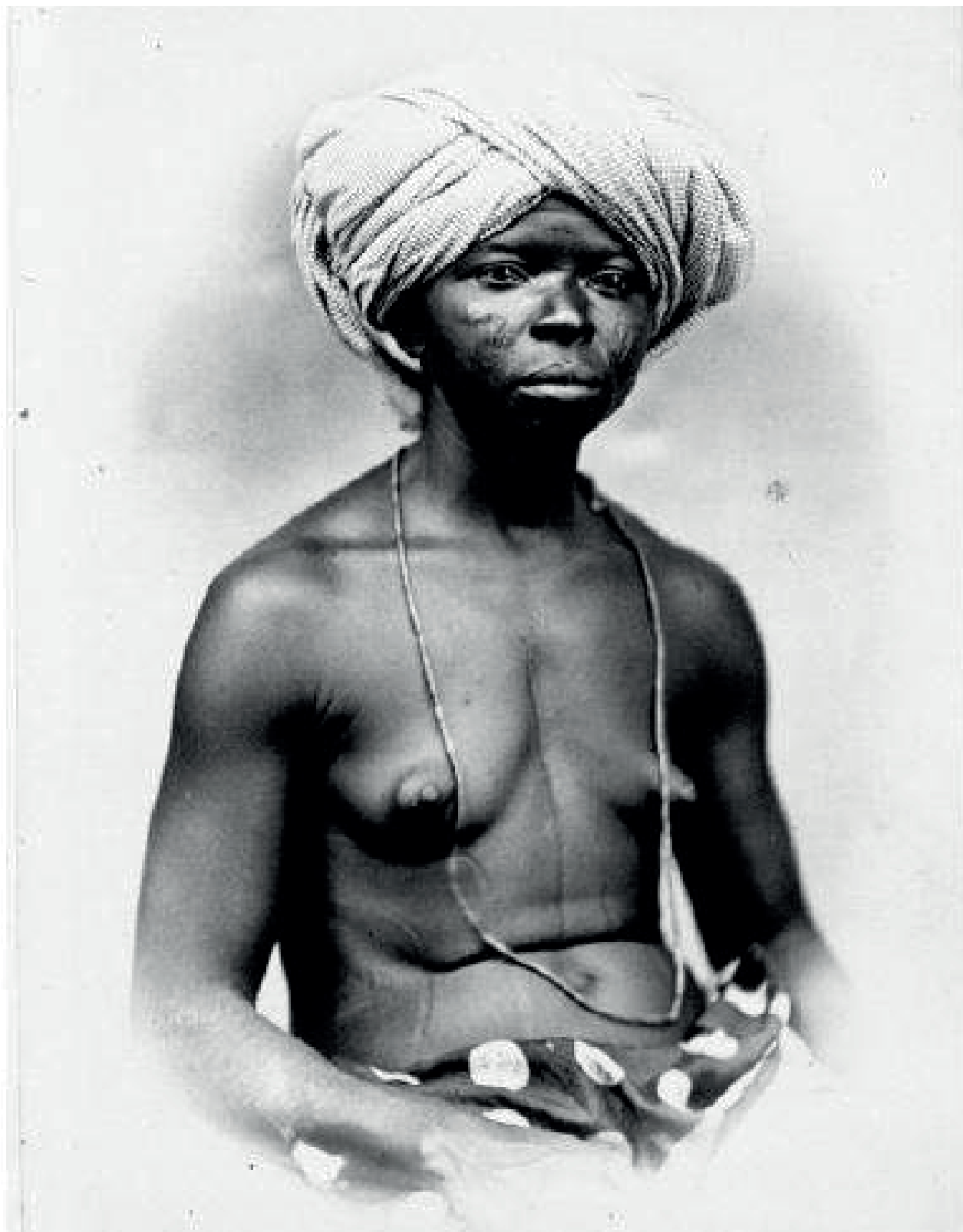
Para Monteiro (2010), a produção das imagens “[...] situam-se entre a negociação do consentimento por parte das mulheres fotografadas e a intenção voyeurística do fotógrafo” (MONTEIRO, 2010, p. 76). Ou seja, sob o pretexto de um estudo “científico”, Louis Agassiz persuadiu mulheres amazonenses a posar para ele nuas ou parcialmente despidas, revelando um lado bastante obscuro que evidenciavam relações de poder baseadas em uma ideologia colonial e racista da qual Agassiz era adepto.

Para Monteiro (2010), é provável que a produção das fotos tenha gerado posterior indignação nas famílias, mas logo em seguida as autoridades locais e a imprensa contribuíram para encobrir um possível escândalo com o silêncio. O silenciamento pode nos dizer muito mais sobre os abusos impetrados por Agassiz em seus estudos antropológicos. Acrescentamos a isso, o abandono da expedição pelo assistente William James e o revés de sua mudança de posição, de discípulo a opositor científico de Agassiz. O próprio fotógrafo, Hunnewell, anos mais tarde, em 1918, quando solicitado a participar da identificação de membros da expedição através de algumas fotografias, comportou-se como se o episódio da expedição não tivesse relevância, escusando suas lembranças.

A produção da coleção “raças puras” tinha como objetivo demonstrar as características dos homens e mulheres do continente africano que viviam no Brasil. Para isso, Agassiz encomendou a um fotógrafo profissional já estabelecido no Rio de Janeiro, o alemão Augusto Sthal, que produzisse uma série de imagens que o naturalista qualificou como raças de “africanos puros”. A encomenda gerou duas séries de fotografias: a primeira composta de retratos trípitos somatológicos, onde as pessoas são fotografadas nuas e em três posições físicas: de frente, de lado e de costas. A segunda apresentava retratos de tipos raciais e frenológicos. Desta última, destacamos duas fotografias (fotos 5.5 e 5.6) que Miranda utiliza em seu trabalho acadêmico.

Estabelecido há doze anos no Brasil, desde 1853, Sthal inicia sua carreira em Recife, onde produziu fotografias sobre a ferrovia que ligava a cidade pernambucana a outros povoados localizados nas cercanias do Rio São Francisco. Foi responsável também por imagens da cidade de Olinda, especialmente das paisagens que se avistavam do alto de seus morros e ainda produziu uma série de retratos de D. Pedro II e de sua esposa, D. Theresa Christina. Reconhecido tanto por sua técnica como pelo rigor estético, em 1861, já no Rio de Janeiro, foi alçado à fotógrafo oficial da Casa Imperial e fundou, junto com um sócio, a firma Stahl & Wahnschaffe, estúdio fotográfico de renome, onde ministrava aulas mediante pagamento. Como já dissemos anteriormente, foi Sthal quem ensinou técnicas fotográficas para Walter Hunnewell, jovem discípulo de Agassiz, responsável pelas fotografias da coleção “raças mistas”.

Fotografia 5.5 – “Mina Ondo”



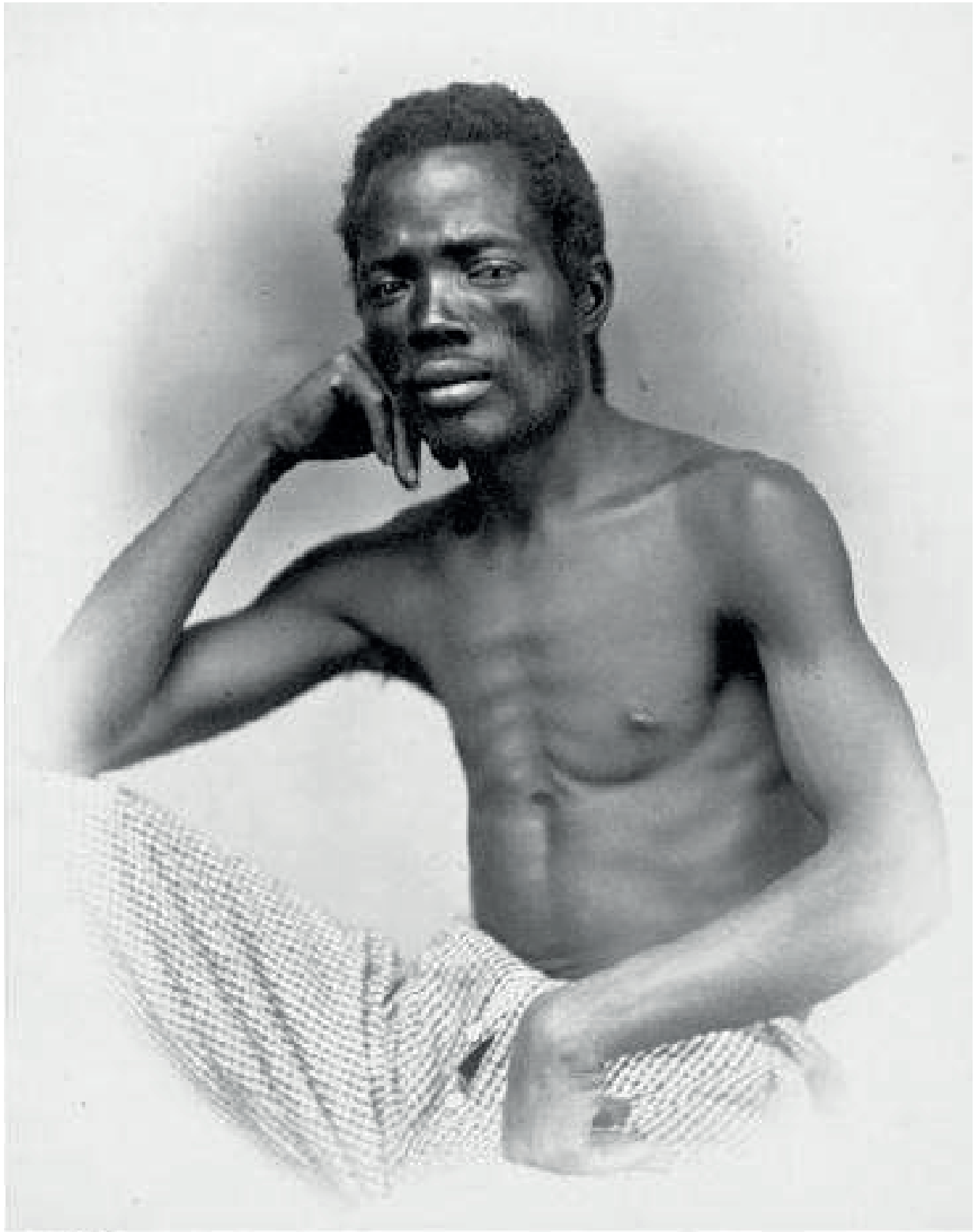
Fonte: STAHL, A. *Série Raças Puras*. Coleção Fotográfica de Louis Agassiz. 1865 (apud MIRANDA, 2017, p. 118).

Sobre a fotografia 5.5, que traz o título de “Mina Ondo”, aludindo a sua etnia, Miranda (2017) reitera que essa composição de imagem foi largamente utilizada: a mulher negra de turbante, com seios amostra e roupas coloridas. A autora observa que as roupas deitadas em seu colo sugerem que a mulher foi propositalmente despida para a foto. De acordo com Miranda, o corpo das mulheres não brancas foi pormenorizadamente analisado e esquadrinhado. O

formato dos seios, a região inguinal, as feições dos rostos. No entanto, apesar de considerar a raça branca como padrão, não se observava uma análise comparativa que envolvesse a mulher branca.

Para Miranda, as fotografias produzidas por Agassiz deslocam o retratado de seu meio social e reduz sua condição de sujeito, “[...] passando a ser, basicamente, um instrumento de pesquisa científica [...]” (MIRANDA, 2017, p. 118).

Fotografia 5.6 – “Monjolo”



Fonte: STAHL, A. *Série Raças Puras*. Coleção Fotográfica de Louis Agassiz. 1865 (apud MIRANDA, 2017, p. 120).

Ao observar a foto de número 5.6, a autora destaca a fisionomia “[...] agradável, serena e risonha [...]” do retratado (MIRANDA, 2017, p. 120). Apesar de discordar da impressão da autora sobre a expressão do rapaz retratado, concordamos que esta fotografia foi cuidadosamente produzida e dirigida pelo fotógrafo. Longe de significar um estado de espírito espontâneo, Miranda chama nossa atenção para os manuais de fotografia publicados no século XIX, que continham técnicas e métodos utilizados pelos fotógrafos para entreter seus modelos e produzir um ambiente que remetesse à naturalidade, omitindo expressões apáticas ou de contrariedade.

Outro aspecto enfatizado na análise é o cuidado com a produção das fotografias desta série, muito provavelmente executadas em estúdio, com planejamento de iluminação e alinhamento da postura corporal, de maneira a evitar sombras e alcançar o objetivo de realçar as características do corpo negro, utilizando para isso de um fundo branco.

Para Miranda, as fotografias produzidas nessa coleção corroboram com o imaginário construído sobre os corpos negros, onde os aspectos físicos estão em destaque, em detrimento dos aspectos sociais. A narrativa de Elizabeth Agassiz sublinha esses atributos como a ótima forma física, o corpo musculoso e a capacidade de suportar melhor a dor e carregar um peso excessivo:

Ali não eram pessoas que estavam sendo fotografadas, eram corpos que significavam força de trabalho. Tanto para Louis como para Elizabeth, o desenvolvimento muscular e o condicionamento físico não eram resultado da repetição de atividades que essas pessoas eram submetidas, e sim características inatas da espécie. Portanto cabia ao homem branco projetar e gerir o trabalho do negro (MIRANDA, 2017, p. 112).

Como podemos observar nas fotos de número 5.5 e 5.6, a denominação étnica era uma informação relevante que compunha essa documentação visual.

Flávio Gomes (2010), ao analisar as imagens produzidas por esta coleção, traz algumas questões importantes a serem consideradas e pergunta: “Mas que africanos procurava Louis Agassiz?” (GOMES, 2010, p. 55). “Como escolheu os tipos raciais africanos para a sua coleção fotográfica e como encomendou a mesma ao fotógrafo Augusto Stahl? O que teria apreendido antes e queria comparar entre estes africanos e aqueles fotografados por Joseph T. Zealy nos EUA?” (GOMES, 2020, p. 56).

Para Maria Helena T. Machado (2010), o interesse do naturalista era a possibilidade de analisar e coletar características somatológicas e frenológicas de diversas etnias que habitavam o a cidade do Rio de Janeiro imaginando que assim, obteria um conhecimento que só seria possível em uma expedição que percorresse o continente africano. Interessava, sobretudo, comparar as chamadas “raças puras” entre si, e também com as “raças mistas”, estas últimas, já contaminadas pela miscigenação que levaria naturalmente a uma degeneração.

Para Gomes (2010), parecia haver um interesse maior pelas etnias localizadas na parte ocidental do continente africano, chamados de forma mais geral de Minas, e que compõem 2/3 da coleção, mesmo sendo esse um grupo minoritário no Rio de Janeiro. Baseado em fontes históricas diversas tais como registros paroquiais de batismo, inventários post-mortem, informações prisionais efetuadas pela Polícia da Corte, registros de alforrias, o autor faz um cruzamento com anotações do livro escrito por Elizabeth, que deixa evidente seu entusiasmo ao observar os homens e mulheres Minas e as dificuldades de relacionar-se com eles, considerados por ela mais ativos, nobres e menos afáveis que outras etnias. Gomes provoca uma inversão recolocando o casal Agassiz como os estranhos submetidos à análise por seus retratados.

O historiador traz ainda uma outra questão sobre as relações entre o fotógrafo Stahl e seus retratados. Sua investigação documental mostrou que a população de africanos ocidentais era, em sua maioria, composta por libertos, muitos dos quais retornaram para o continente africano entre os anos de 1830 e 1870.

Dessa forma, é possível supor que as pessoas fotografadas recebessem pagamento ao posar para as fotos, o que demonstra um protagonismo e agenciamento sobre seu corpo e o uso

de sua imagem. Este importante detalhe rompe com os estereótipos construídos sob o olhar do colonizador, revelando como este encobriu e cobriu tantas Áfricas (GOMES, 2010), na tentativa de silenciar e invisibilizar as diversas experiências dos africanos e seus descendentes, no Brasil.

No diálogo com Mauad, ao refletirmos sobre a questão da recepção da imagem, o valor outorgado pelo autor e pelo receptor e as representações suscitadas nessa relação, é relevante observar que ambas as coleções, apesar de muito valorizada por Elizabeth Agassiz, que as consideravam séries completas de fotografias para observação da raça negra e das misturas de raças, as coleções não chegaram a ser exibidas em nenhum local e continuam até hoje sob a guarda do museu universitário estadunidense, e com a maior parte fechada ao público.

Por fim, com relação ao produto, que diz respeito ao tratamento da imagem e os sentidos que ela adquire quando posta em relação à outras referências culturais, precisamos levar em conta que as coleções produzidas no âmbito da Expedição Thayer, apesar de produzidas a partir de imagens que retratam grupos de pessoas que habitavam determinadas regiões do Brasil, não pertencem aos brasileiros. Como já afirmado anteriormente, os direitos sobre as imagens, inclusive sobre quem tem ou não autorização para acessá-las, pertencem à Universidade estadunidense de Harvard, que em última instância define os usos que podem ser dados ao acervo.

A restrição imposta nos leva a revisitar os silêncios que parecem insistir em continuar encobrindo a permanência de práticas racistas e coloniais que, ao contrário do que podemos pensar, não foram extintas após os processos de independência. O colonialismo, assim como o racismo e o capitalismo vão adquirindo novas roupagens e estão ainda, infelizmente, muito presentes entre nós.

Silvio Almeida (2019, p. 21) nos alerta para o fato de que o racismo é um elemento que estrutura a sociedade brasileira, integrando sua organização econômica e política. Ao contrário de ser um fenômeno patológico ou considerado anormal, o racismo dá sentido, lógica e tecnologia para reprodução da desigualdade e da violência constituinte da vida social contemporânea.

Neste sentido, o racismo ganha expressões que atravessam tanto nossas relações cotidianas, quanto o funcionamento e organização das instituições no nosso país.

Considerações finais

O trabalho de Miranda (2017), como a própria autora assinala, nos faz perceber, através da análise das coleções fotográficas produzidas pela Expedição Thayer “[...] como a ciência de Louis Agassiz estava impregnada de questões políticas extremamente importantes para pensarmos o imperialismo, o etnocentrismo e o racismo no século XIX, bem como hoje, já que se mostram temas extremamente atuais” (MIRANDA, 2017, p. 139).

Neste sentido, a fotografia assume no trabalho de Miranda, o caráter de mediação, o que implica em ultrapassar seus limites e seu fascínio de recriação da realidade e, ao mesmo tempo, utilizá-la como documento na reconstrução da realidade. Para Ciavatta (2004) é necessário interpretar a fotografia considerando o conjunto de relações presentes, considerando o espaço-tempo de sua produção. Esse processo é mediado por intencionalidades que compõem a memória e participam da escrita da história.

Através das fotografias produzidas, seus usos, não usos, abusos, silêncios e interditos que pairam sobre as coleções fotográficas, podemos afirmar, corroborando com a análise de Machado (2007), que a Expedição Thayer comandada por Louis Agassiz e suas teorias criacionistas e raciais, não poderia ser mais anticientífica. O naturalista fez uso da Expedição para provar suas hipóteses a todo custo, utilizando para isso, de métodos nada ortodoxos para os padrões científicos.

O pensamento racialista de Agassiz, infelizmente, influenciou, influencia, sustenta e estrutura ainda hoje, a questão do racismo em nosso país. Longe de ser um problema da população negra, o racismo é muito mais uma questão para os brancos, inventores da ideia de raça.

Lia Schucman, em uma recente entrevista para a Revista Elástica (SCHUCMAN, 2021), afirma que o racismo é

[...] uma ficção onde se acredita que pessoas de um grupo, por pertencerem a ele, têm características morais, intelectuais, estéticas, iguais ou parecidíssimas. A partir daí, você pode classificar essas pessoas como confiáveis, moralmente adequadas etc.

Para Schucman (2021), o branco se entende como padrão universal da humanidade, enquanto um africano, um asiático, um indígena, é o particular.

Louis Agassiz não é lembrado em Harvard ou na Suíça por seu racismo, ao contrário. De acordo com Keila Grinberg (2009), o naturalista tem seu trabalho acadêmico reconhecido por seus estudos sobre glaciação.

Em 2009, a artista plástica suíça Sasha Huber, liderou um movimento internacional intitulado “Desmontando Agassiz” para renomear um monte suíço, batizado com o nome do cientista para homenageá-lo (GRINBERG, 2009). A petição, rejeitada pela Unesco e pelas autoridades suíças, em 2016, solicitava que o monte, um pico alpino suíço de 3.953 metros acima do nível do mar, pudesse ser rebatizado de Rentyhorn, em alusão a memória de Renty, um dos escravizados fotografados a pedido de Agassiz, na Carolina do Sul, em 1850.

No Brasil, a professora livre-docente da Universidade da USP, Maria Helena Machado aderiu à campanha e desde então tem empenhado esforços para trazer para o nosso país as coleções produzidas pela Expedição Thayer, ainda sob a guarda do *Peabody Museum*⁹⁷.

Nessa perspectiva, o trabalho de análise das imagens proposto por Miranda (2017), nos fez refletir para além do uso da fotografia como fonte de pesquisa, mas também sobre os processos históricos de colonização e a necessidade de rememorar e reescrever a história do Brasil.

⁹⁷ Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de Harvard